

Sílabas e tipos silábicos mais frequentes: análise de *corpora*.¹

Joana Aguiar
Universidade do Minho - CLUL

Resumo

Partindo da noção de sílaba como unidade prosódica, analisámos o discurso oral de 100 falantes da Terra Quente Transmontana, doravante *corpus TQT*, com o objectivo de: (i) sistematizar e quantificar os tipos silábicos mais frequentes; (ii) comparar estes resultados com os de outros trabalhos; (iii) observar a sua distribuição de acordo com o concelho de proveniência, idade, escolaridade e sexo do falante, de acordo com os pressupostos da Linguística Variacionista.

Palavras-chave: sílaba, variação, frequência.

1. A unidade Sílaba

Sillaba é ãa das quátro partes da nóssa Grammática que corresponde à Prosodia que quer dizer acento e canto
João de Barros (1540: 62)

Como podemos pressupor pela citação, as primeiras referências a esta unidade prosódica para o Português remontam às gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), tendo a primeira descrição dos seus constituintes para o Português sido apenas feita em 1883 por Gonçalves Viana.² Já em 1942, Rodrigo de Sá Nogueira na sua obra *O Problema da Sílaba* analisa, critica e compara diversas abordagens teóricas para a explicação da noção de sílaba, desde a *teoria de base vocálica* de Dionísio de Trácia à *teoria da inexistência da sílaba* de Rousselot, passando por Saussure e Grammont, entre outros.³ Em 1965, Morais Barbosa explora a distribuição dos fonemas do Português a partir da sua posição na sílaba, apesar de não definir teoricamente esta unidade,

¹ Este artigo faz parte da tese de Mestrado em Linguística *Unidades e Processos Fonológicos no falar da região da Terra Quente: Contributos para a Linguística Forense*. ILCH - Universidade do Minho. Esta tese foi desenvolvida no âmbito do projecto: Padrões de Frequência na Fonologia do Português - Investigação e Aplicações PTDC/LIN/70367/2006.

² Para uma descrição mais detalhada sobre a presença dos aspectos prosódicos, nomeadamente a sílaba, nos textos gramaticais portugueses desde Fernão de Oliveira e João de Barros, veja-se Mateus (1996).

³ A discussão deste trabalho de Sá Nogueira pode ser consultada em Barbeiro (1986).

baseando-se apenas na sua delimitação *auditiva*. No final do século XX, os trabalhos de Mateus (1975) e d'Andrade (1977) analisam esta unidade fonológica a partir dos modelos generativos.

Apesar de os falantes terem, em geral, noção da existência da unidade *sílaba* e da sua delimitação,⁴ a sua definição teórica não é linear. De facto, na obra matriz da Fonologia Generativa, *The Sound Patterns of English* de Chomsky e Halle (1968), apesar de ser feita referência a esta unidade, o seu conceito não é aprofundado. Talvez por essa razão, a unidade fonológica *sílaba* é largamente analisada no modelo generativo multilinear, nomeadamente na teoria autosegmental. Neste quadro, a sílaba é uma unidade prosódica hierarquizada e estruturada, sendo os seus constituintes maiores o Ataque e a Rima. Esta por sua vez divide-se em Núcleo e Coda. Todos os constituintes silábicos (Ataque, Núcleo, Coda) podem ser, ou não, ramificados. O único de preenchimento obrigatório é o Núcleo, que pode ser simples, i.e., preenchido apenas por uma vogal (V); ou complexo, i.e., preenchido por uma vogal (V) e uma glide (G). Apesar de todos os segmentos [+consonânticos] (C), no Português, poderem ocupar a posição de Ataque, havendo, no entanto, restrições fonotáticas à combinação destes segmentos, o preenchimento da Coda pode apenas ser feito por /l/, /r/ e /s/ (Mateus e d'Andrade, 2000; Freitas e Santos, 2001; Mateus, 2002; Mateus *et al.*, 2003). Ainda em relação a restrições fonotáticas na organização dos segmentos na sílaba, é salientar que, em PE, as estruturas silábicas do tipo CCV podem apenas ser preenchidas, em posição de ataque, por obstruintes (oclusivas orais e fricativas) e líquidas alveolares, respectivamente. Esta restrição vai ao encontro dos pressupostos teóricos do *Princípio da Sonoridade* Jespersen (1904), segundo o qual os sons, dentro da unidade sílaba, estariam organizados de acordo com a sua sonoridade: oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < glides < vogais. Há, no entanto, combinações de elementos consonânticos em posição de Ataque, ao nível da realização fonética, que não obedecem ao *Princípio*

⁴ A capacidade de silabificar correctamente as palavras é, no entanto, superior em falantes alfabetizados. De acordo com Barbeiro (1986:154), a taxa de sucesso em testes de segmentação feitos a crianças é inferior quando estas ainda não frequentam a escola.

da *Sonoridade*, como em *optar* ou *afta*. Estes casos foram assinalados, no PE, por Nogueira (1942:70), que os definiu como *elementos vocálicos de consoantes*:

A meu ver não há, pois, consoantes vogais, o que há são elementos vocálicos de consoantes; uma consoante só por si pode formar sílaba, sim, mas apoiada no seu elemento vocálico, como em *optar*, por ex., cuja divisão silábica nem é *op-tar*, nem *o-ptar*, mas *o-p^e-tar*, visto que as oclusões do *p* e do *t* provocam inevitavelmente a solução de continuidade da corrente expiratória.

Se para Nogueira os casos de combinação de consoantes com a mesma sonoridade eram possíveis por um destes elementos consonânticos accionar o seu *elemento vocálico*, i.e., funcionar como núcleo, como pode ocorrer na estrutura silábica do Inglês, Mateus (2002:13) propõe que, a nível fonológico, “existem núcleos de sílaba não preenchidos entre as duas consoantes, ou seja, **núcleos vazios**⁵ que não têm realização fonética.” A análise dos resultados, apresentada no ponto 4, tem como um dos pressupostos a existência de núcleos vazios ao nível fonológico, aos quais nos referiremos como *V-Slots*.

2. Dados de Frequência

Os estudos de frequência silábica, baseados em *corpora* do Português Europeu, doravante PE: d’Andrade e Viana (1994), Vigário e Falé (1994) e Viana *et al.* (1996), baseados no *corpus Português Fundamental* (Bacelar *et al.*, 1987); e Vigário *et al.* (2005), Frota *et al.* (2006), Vigário *et al.* (2006), a partir de amostras do *corpus* do *Português Falado. Documentos Autênticos* (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões), revelam que os tipos silábicos mais frequentes no PE são: CV, V e CVC, constituindo em conjunto mais de 70% do total de sílabas.

⁵ Negrinho no original.

3. Metodologia

Para perceber se a distribuição percentual dos tipos silábicos mais comuns no PE sofre oscilações de acordo com as variáveis externas: origem geográfica, escolaridade, sexo e idade do falante, analisámos o discurso de 100 falantes provenientes da região da Terra Quente Transmontana, equitativamente divididos por concelho de origem (Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor), escolaridade do falante (Alfabetizado/Analfabeto), sexo (Feminino/Masculino) e idade, tendo sido considerados quatro intervalos etários: [20-35], [36-50], [51-65] e [>65], como vemos na Tabela 1.

Escolaridade		Alfabetizados								Analfabetos		
Idade		20-35		36-50		51-65		>65		>65		
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Total
Concelhos	Alfândega da Fé	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Carrazeda de Ansiães	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Macedo de Cavaleiros	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Mirandela	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Vila Flor	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
Total		10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	100

Tabela 1 – Relação de falantes

3.1. As variáveis externas

Consideram-se variáveis externas as características intrínsecas ao falante enquanto ser social: idade, sexo, proveniência regional, grau de instrução, classe social, entre outras. Neste trabalho considerámos apenas as variáveis: proveniência regional (identificada por concelho), grau de instrução (alfabetizado/analfabeto), sexo e idade, como podemos ver na Tabela 1. Optámos por não incluir a variável *classe social*, por esta não ser uma tarefa linear, uma vez que os limites e parâmetros a incluir na definição de classe sociais são imprecisos, mutáveis e discutíveis.

3.1.1. Origem Geográfica

O estudo da origem geográfica, reduzido a um conjunto de pontos de recolha linguística na tradição dialectal, tem assumido uma importância crescente nos estudos variacionistas. Entende-se por

origem geográfica não só a origem administrativa do falante, mas todos os aspectos demográficos, sociais, geográficos e económicos que caracterizam a área em estudo, seja ela uma freguesia, um concelho ou outra área administrativa. Neste trabalho centrar-nos-emos nos cinco concelhos transmontanos que constituem a Terra Quente, região marcadamente rural e demograficamente envelhecida. Apesar disso, é visível o peso demográfico da população residente nas cidades (Macedo e Mirandela), áreas dotadas de mais serviços e indústrias, acessos rodoviários e cultura. Note-se que a maioria dos habitantes dos concelhos da TQT está ligada ao sector primário. Por esta razão, o trabalho no campo e as culturas são tema recorrente nas recolhas linguísticas realizadas. O sector secundário emprega apenas uma minoria dos habitantes da TQT, centrando-se principalmente nos concelhos de Mirandela e Macedo. No caso do sector terciário, os serviços, é notória a importância destes no desenvolvimento concelhio, apesar de estar maioritariamente centrado nas sedes de concelho. Centremo-nos, agora, no acesso e incentivo a eventos culturais na TQT. De acordo com o Anuário Estatístico da Região Norte (2006), disponível em www.ine.pt, o município com mais despesa camarária em cultura, em 2006, foi o de Vila Flor (14,2%). Para os restantes municípios os valores foram os seguintes: Alfândega (6,3%), Carraceda (9,4%), Macedo (6,8%) e Mirandela (11,9%). Quanto a publicações periódicas, apenas Alfândega e Vila Flor não têm publicação de jornais ou revistas. Em Carraceda há uma publicação, Mirandela duas, e Macedo cinco. Dos cinco municípios apenas Vila Flor não possui rádio local. Finalmente, Mirandela e Macedo possuem estabelecimentos de ensino superior, importantes vectores de desenvolvimento, dinamismo e fixação de população.

3.1.2. Escolaridade

Quanto à variável escolaridade, optámos por dividir apenas os falantes com mais de 65 anos em alfabetizados e analfabetos, de forma a perceber se a escolarização interfere na realização das unidades e fenómenos fonológicos em análise. O nível de alfabetização dos informantes oscila entre

a 4ª classe e o 12º ano, tendo sido excluídos os falantes com licenciatura finalizada. Apenas cinco informantes se encontram a frequentar o Ensino Superior. Nestes casos, os falantes frequentam o Instituto Politécnico de Bragança e não residem fora dos concelhos em análise. À excepção destes cinco falantes, em nenhum caso se recolheu a fala de falantes a trabalhar ou a estudar fora da região de Trás-os-Montes, nem a residir fora dos concelhos em análise. Todos os falantes com menos de 65 anos são profissionalmente activos.

3.1.3. Sexo

O primeiro registo de diferenças entre sexos na utilização da linguagem, nomeadamente na utilização de diferentes itens lexicais para o mesmo referente, remonta à época das descobertas quando os exploradores europeus chegaram às Caraíbas, mais precisamente à Pequenas Antilhas e registaram que homens e mulheres falavam diferentes línguas (Trudgill 1974: 65). Também em Gros Ventre, uma língua indiana falada na América do Norte, a realização das oclusivas varia de acordo com a idade e o sexo do falante.⁶ Enquanto variável externa, o factor sexo tem sido largamente analisado em trabalhos variacionistas, nomeadamente Labov (1990, 1991), Trudgill (1983, 1972, 1974, entre outros), Maclagan *et al.* (1999), Cheshire (2005) e Milroy (1999), entre outros; e não haverá, provavelmente, abordagem variacionista sem a inclusão da variável sexo/género.⁷ As diferenças entre falantes do sexo feminino e masculino começam a ser notadas na infância ainda antes do desenvolvimento físico diferenciado do trato vocal.⁸ Para além das diferenças fisiológicas que influenciam a produção verbal, segundo Foulkes e Docherty (2006), “To some extent, then, girls and

⁶ Por exemplo, para o referente *pão*, as mulheres pronunciarão /kʲatsa/ e os homens /djatsa/.

⁷ A utilização dos termos sexo ou género tem sido objecto de discussão, por razões biológicas sociais, culturais ou formais, que não abordaremos aqui. Veja-se a este propósito Chambers (1995), Cheshire (2005), Foulkes e Docherty (2006), entre outros. No presente trabalho, optámos pela designação *sexo*.

⁸ Como refere Foulkes (2006), “Children are not differentiated by the obvious variation in anatomy and physiology that adults are, and yet it seems that gender-correlated patterns of phonological variation are learned relatively early in childhood.”

boys *learn* to use distinct patterns of phonetic realization.” (*ibidem*, 411-412), tendo o mesmo sido verificado em Watt *et al.* (2003). As diferenças entre as produções linguísticas de falantes masculinos e femininos abrangem, também, a escolha lexical,⁹ e são mais visíveis quando o estudo é feito tendo em consideração a variável *estratificação social*, apesar de Milroy e Milroy (1997: 56) considerarem que a variável sexo é mais importante que a condição social.

Apesar da importância da variável sexo na variação linguística (Labov, 1990; Cheshire, 2005; entre outros), não há, até à data, estudos para o PE que apontem esta variável como a mais importante em processos de variação. Neste trabalho importa analisar se as diferenças linguísticas entre falantes do sexo masculino e feminino são visíveis ao nível da produção silábica.

3.1.4. Idade

A variável *idade* é aquela que, de uma maneira geral, cataloga os indivíduos quanto ao seu papel na sociedade: dependente (<18 anos); activo (18-65 anos) e aposentado (>65 anos). No nosso estudo optámos por estudar apenas falantes adultos com mais de vinte anos.¹⁰ Estes foram divididos, de acordo com a sua idade, em intervalos de quinze anos, com o objectivo de construir um estudo linguístico em *tempo aparente* (Labov, 1991), i.e., um estudo linguístico através de diferentes gerações, de forma a prever o comportamento diacrónico de um dado fenómeno. Assim, contemplámos os seguintes intervalos etários: [20-35]; [36-50]; [51-65]; e [>65]. Sabe-se que a idade é um factor importante na aquisição e desenvolvimento linguístico, na adopção de formas inovadoras, no caso dos adolescentes (Eckert, 1997); ou mais próximas do *standard*, no caso de

⁹ Segundo Holmes (1995), as mulheres utilizam mais vezes formas afectivas e de cooperação na comunicação, como *you know* ou *sort of*. Também Lakoff (1973) refere que as mulheres utilizam mais itens lexicais para definir cores, como *magenta*, *lavanda* ou *azul-marinho*, e adjetivos como *querido*, *encantador* ou *adorável*, termos raramente utilizados por homens.

¹⁰ A propósito da análise da variação em produções de crianças e adolescentes, veja-se Foulkes e Docherty (2006).

adultos activos. Eckert (1997) refere, também, que as mulheres, à medida que envelhecem e deixam de ser profissionalmente activas, tornam-se menos “normativas”. Neste trabalho importa perceber se esta alteração no comportamento linguístico é visível ao nível das estruturas silábicas.

3.2. Transcrição e tratamento de dados

Na transcrição das entrevistas (cf. Exemplo1) optámos por transcrever ortograficamente os numerais, as datas e os acrónimos (e.g. GNR > gê nê erre). Nas palavras compostas por justaposição, optámos por manter o hífen, como aconselhado nas normas de Transcrição do CORDIAL-SIN. Relativamente a fenómenos fonológico-lexicais de supressão e adição, conservámos as formas reduzidas do verbo estar; a realização dos ditongos [ow] e [oj] em ouço/oiço, por exemplo; a realização de a protético em formas verbais, como em *arreceber*; a aférese em vocábulos como *ainda*, a síncope na preposição para e a contracção desta com artigos definidos; a contracção da contracção da preposição em com os artigos indefinidos; a ausência de vocalização na segunda pessoa do plural do Presente do Indicativo (e.g. *comedes*).

Transcrevemos, para além das realizações acima descritas, os seguintes fenómenos: (i) a realização de segmentos de ligação entre as palavras: *ficaram nos olhais* (VAM4); (ii) a semivocalização da lateral em pronomes (e suas contracções com preposições) masculinos de 3ª pessoa do plural: *nasqueis anos* (AAF2); (iii) a centralização das vogais [- rec, - alt]: *presidente* (CAM3); (iv) a ausência de ditongo nasal no advérbio de negação não: *num me lembra* (VNF4); (v) a ausência de ditongo na contracção da preposição *a* com o artigo definido masculino: *a baltorno e ò moirão* (VNF4); (vi) a metátese e queda das vibrantes em sílabas CVC para CCV: *borboleta* > *broboleta* (INF4), e em sílabas CVC para CV: *corporação* > *coporação* (CAM3), respectivamente; (vii) o betacismo: *bíamos* assim estas ruas difrentes (MAF3); (viii) a síncope das vogais em sílabas fechadas

por vibrantes, como em diferente e seus derivados: estas ruas diferentes (MAF3); (ix) outras marcas de oralidade: e se lobábamos frio (VNF4).

íamos a baltorno e ò moirão a casa do senhor ainda o oitro dia perguntei o nome agora num me lembra íamos ao chegar ao moirão habia umas gaieiras ao pra cima com um carreirão assim chegábamos à croa e medíamos o leite que a minha mãe de dezassete meses dezanove meses tebe nove e nove dezoito tebe dois filhos e depois tibemos de o criar ò biberão quando era grande num queria comer já bebia sete quartilhos de leite num habia ali perto tínhamos de ir ao moirão do zé da ribeirinha moraba mesmo na croa íamos pelo caminho acima e ela chamava-se o nome dela ele era zé da ribeirinha mas ela num me lembra era assim uma senhora forte e se lobábamos frio benham cá não nós bínhamos a andar mas íamos descalças num era calçadas eu tinha dezassete anos a senhora pode escrever e até pôr o meu nome tinha dezassete anos andaba com umas socas quando se acababam asquelas uma bez passei em baltorno e uma que lhe chamavam na rouca era quem lhe comprámos o leite deu-me umas pra meu pai mandar pregarmos uns paus comprabam-se os paus e depois mandaba-se pregar a soca pronto

Exemplo 1 – Exemplo de Transcrição

Depois de transcrevermos as entrevistas, utilizámos a Ferramenta FreP¹¹ para listar e contabilizar os tipos de sílabas. Esta funcionalidade foi programada considerando os critérios teóricos para a divisão silábica de palavras do PE propostos por Vigário e Falé (1994); Viana *et al.* (1996) e Mateus e d' Andrade (2000).

Depois de tratarmos estatisticamente os dados produzidos pela Ferramenta FreP averiguamos se os valores obtidos variam de acordo com as variáveis externas em análise. Para tal, utilizámos o teste do Qui-Quadrado baseado na Tabela de Contingência. Este teste permite aferir a independência entre duas variáveis, ou seja, verificar se as duas variáveis estão ou não relacionadas (Guimarães e Cabral 1997: 414-416). Quando o valor de prova, doravante v.p., for inferior a 5% (<0,05), as variáveis não são independentes. Quando o valor de prova for superior a 0,05, as variáveis são independentes.

¹¹ FreP v1.0010, (2004-2008, F. Martins, M. Vigário & S. Frota). Esta ferramenta é o resultado de um projecto desenvolvido por Fernando Martins, Marina Vigário e Sónia Frota, cuja descrição, aplicações e publicações daí resultantes podem ser consultadas em <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/FreP>.

4. Tipos Silábicos mais frequentes na TQT

4.1. Comparação de *corpora*

Os valores relativos dos tipos silábicos mais frequentes na TQT e os calculados em Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006) para um excerto do *Corpus do Português Falado* podem ser consultados na Tabela 2.

Tipos Silábicos	Corpus TQT	Corpus TA90PE
		Português Falado Frota <i>et al.</i> (2006) e Vigário <i>et al.</i> (2006)
CV	46,47%	46,36%
V	14,94%	15,83%
CVC	10,62%	11,01%
CVN	5,47%	5,37%
CVGN	5,12%	5,62%
CVG	3,69%	2,66%
VC	3,09%	3,03%
CCV	2,87%	2,18%
VN	1,85%	2,64%
CVGC	1,38%	1,21%
VG	1,60%	1,51%
Outros	2,91%	2,58%

Tabela 2 – Tipos Silábicos no *Corpus* TQT e *Corpus* TA90PE (Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006)

Analisemos agora a distribuição percentual dos cinco tipos silábicos mais frequentes: os valores relativos para os tipos CV e CVC são semelhantes nos *corpora* TQT (46,47% e 10,65%, respectivamente) e TA90PE (46,36% e 11,01%, respectivamente). Para os tipos V e CVGN, ocorre o oposto: os valores do *corpus* TQT (14,94% e 5,12%, respectivamente) são inferiores aos calculados para o *corpus* TA90PE (15,83% e 5,37%, respectivamente). Apesar de os valores percentuais para os *corpora* TQT e TA90PE serem, nestes tipos silábicos, muito semelhantes, o teste de verificação das variáveis aponta para um valor de prova de 0,00, o que significa que estes dois *corpora* são diferentes, como verificamos nos tipos CVG (TQT- 3,69%; TA90PE- 2,66%), CCV (TQT- 2,87%; TA90PE- 2,18%) e VN (TQT- 1,85%; TA90PE- 2,64%).

4.2. Distribuição dos Tipos Silábicos por Variáveis Externas.

Nesta secção analisamos a distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por concelho, escolaridade, sexo e idade do falante.

Tal como tínhamos visto, a proveniência geográfica do falante poderá concorrer para o aumento ou diminuição dum tipo silábico em relação aos demais. Vejamos se a mesma tendência é verificada quando analisamos a distribuição dos tipos silábicos por concelho da Terra Quente (cf. Gráfico 1).

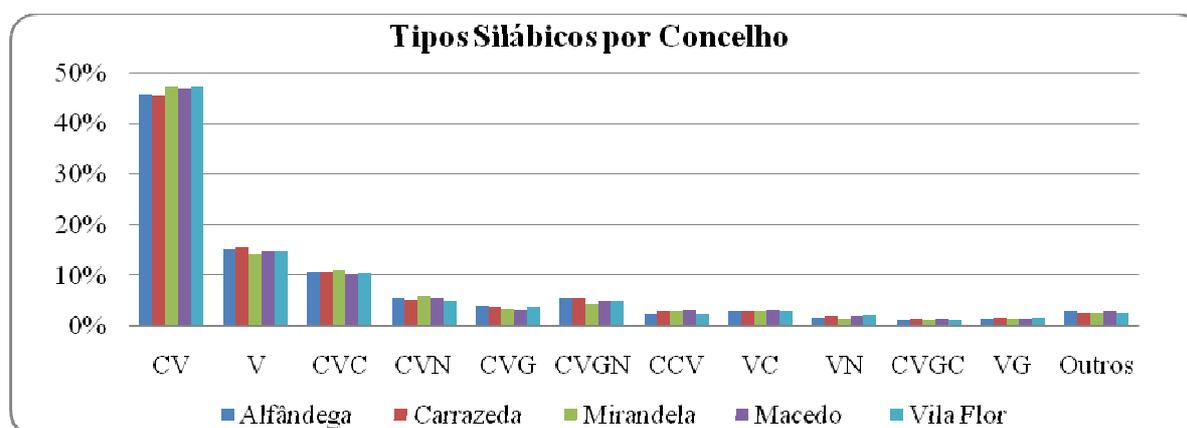


Gráfico 1 – Tipos Silábicos por Concelho: Alfândega, Carrazeda, Mirandela, Macedo e Vila Flor

Como vemos, a distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por concelho da TQT não revela oscilações significativas¹² (cf. Gráfico 1), pelo que podemos afirmar que as escolhas silábicas não podem ser diferenciadas, dentro da mesma região, a partir dos concelhos de proveniência dos falantes.

Também a distribuição por sexo do falante não revela disparidades na realização dos tipos silábicos mais frequentes (Gráfico 2).

¹² A distribuição dos tipos silábicos por cada grupo de falantes pode ser consultada no Anexo A.

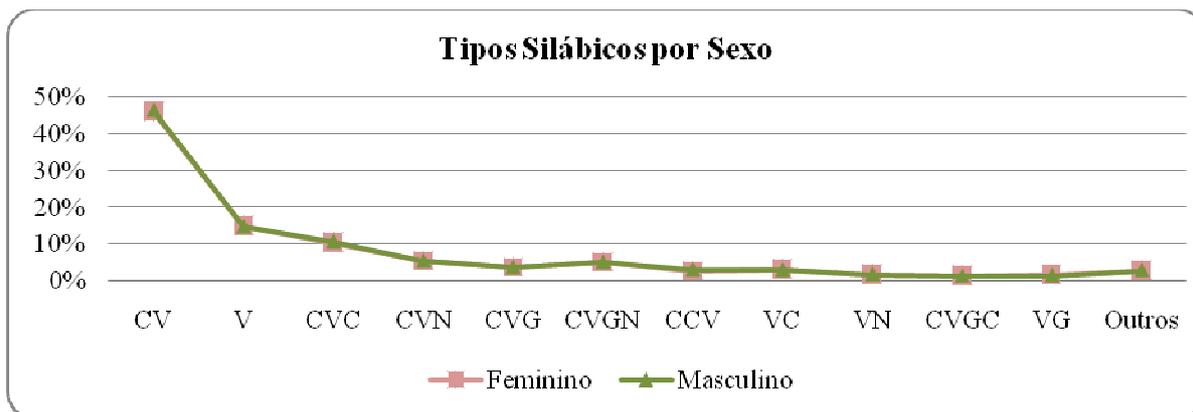


Gráfico 2 – Tipos Silábicos por Sexo: Masculino e Feminino

Apesar da análise da distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por concelho e sexo do falante não revelar oscilações significativas, a sua distribuição por escolaridade do falante apresenta diferenças importantes a reter (v.p. 0,00). Assim, no Gráfico 3 podemos ver que os valores para os tipos CV, V e CVGN são mais altos nos falantes analfabetos; e os tipos CVC e Outros mais altos para os alfabetizados. O aumento das sílabas de tipo V (vogal) nos falantes analfabetos pode ter sido impulsionado pela frequência de a- protéticos, fenómeno mais frequente nestes falantes: *depois alebantaram* (INM4); *alebantabamo-nos às seis da manhã* (MNM4); e o aumento do tipo CV pela inserção de [i] em final de sílaba: *fize-te algum mal* (INF4); *dize-me* o meu filho (INM4).

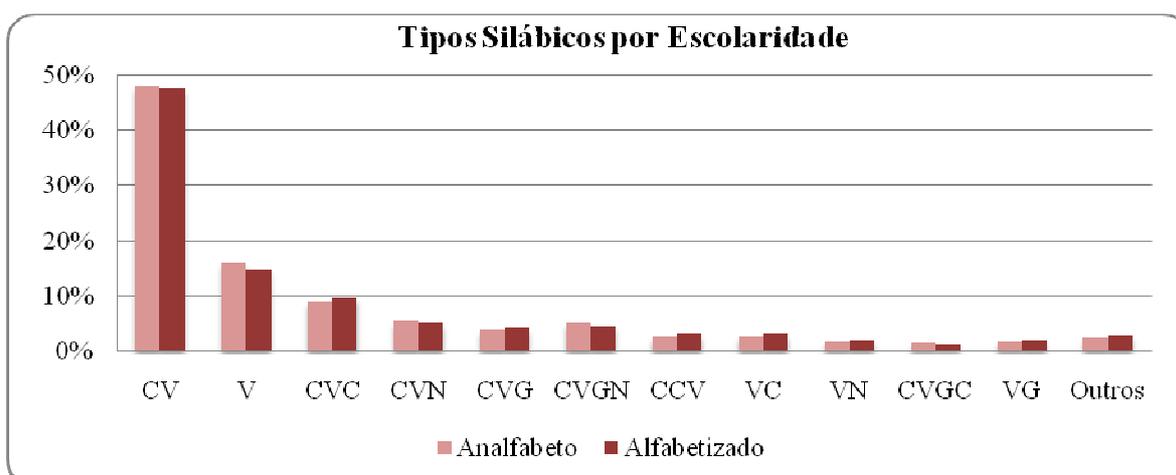


Gráfico 3 – Tipos Silábicos por Escolaridade: Falantes Analfabetos e Alfabetizados

No Gráfico 4 vemos a distribuição dos tipos silábicos por idade. As diferenças percentuais para cada intervalo etário são, uma vez mais, significativas (v.p. 0,00). Veja-se que a percentagem de ocorrência do tipo CV tem tendência para aumentar ao longo da idade (45% [20-35]; 45% [36-50]; 47% [51-65] e 48% [>65]), ao contrário do tipo CVC, cuja realização diminui ao longo dos intervalos etários (12% [20-35]; 12% [36-50]; 11% [51-65] e 9% [>65]).

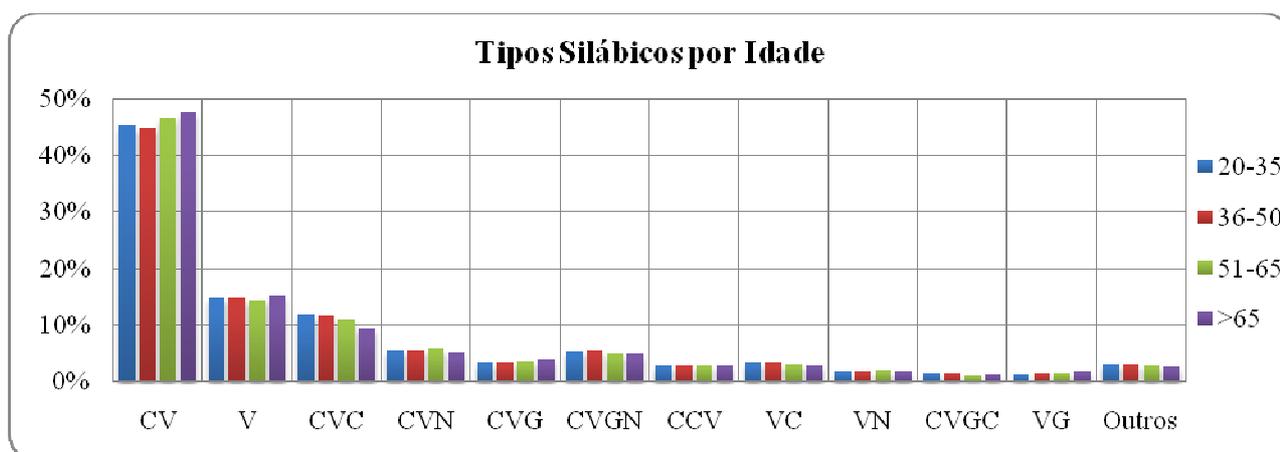


Gráfico 4 - Tipos Silábicos por Escolaridade

Para o aumento do tipo CV e diminuição do tipo CVC, nos falantes com mais de 65 anos, poderão contribuir as paragoges de [i] e [ɐ] em sílaba final fechada por consoante, formando uma nova sílaba, como em: *andaba só com obelhas e cabras era **difícile*** (CNM4), *dize-lhe ele está calado* (INM4); *fize-te algum mal* (INF4); e *nem sequer sabe* (MAF4); ou de *qualquera* maneira (CNM4).

Conclusão

Em primeiro lugar, é de salientar a diferença de valores para os tipos silábicos mais frequentes no *corpus* TQT e noutros *corpora*, apesar de considerarmos que este aspecto necessitará de ser mais aprofundado, tendo em consideração a uniformização do tipo de transcrição e das ferramentas utilizadas para extracção e tratamento de dados.

Quanto à distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por variáveis externas, verificaram-se diferenças significativas na sua distribuição pelas variáveis idade e escolaridade. Assim, nos falantes com mais de 65 anos há uma diminuição do tipo silábico CVC e um aumento do tipo CV, provocado, em parte, pela inserção de [v] e [i] em final de sílaba. Já nos falantes analfabetos, há um aumento das sílabas do tipo V e uma diminuição das sílabas do tipo CVC. Quanto às variáveis *sexo* e *concelho*, a distribuição dos tipos silábicos mais frequentes é muito semelhante, não se podendo afirmar que estes factores influenciam a produção silábica.

Bibliografia

- Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda/Maria Lúcia Garcia Marques/Maria Luísa Segura da Cruz (1987), *Português Fundamental: Métodos e Documentos Inquérito de Frequência*, Tomo I, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Barbeiro, Luís Filipe (1986), *Estrutura Silábica do Português. O Papel da Sílaba na Análise dos Processos Fonológicos e Fonéticos*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Barbosa, J. Morais. (1965), *Études de Phonologie Portugaise*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Barros, João de (1540), *Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa.
- Chambers, Jenny (1995), *Sociolinguistics Theory*, Blackwell Publishers.
- Cheshire, Jenny (2005), "Sex and gender in variationist research", in Chambers, Trudgill e Schilling-Estes (eds.) (2005), *Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, pp. 423-43.
- Chomsky/ Halle (1968), *The sound pattern of English*, New York, Harper and Row.
- d' Andrade, Ernesto (1977), *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*, Lisboa, INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- d' Andrade, e Viana (1994), "Sinérese, diérese e estrutura silábica", in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL/Colibri, pp. 31-42.
- Eckert, Penelope (1997), "Age as a Sociolinguistic Variable", in Florian Coulmas (ed.) (1997), *The handbook of sociolinguistics*, Blackwell, pp. 151-167.

- Foulkes, Paul (2006), "Phonological variation – a global perspective", in Aarts e McMahon (eds.) (2006), *Handbook of English Linguistics*, Oxford Blackwell, pp. 625-669.
- Foulkes, Paul/Gerard Docherty (2006), "The social life of phonetics and phonology", *Journal of Phonetics* 34, pp.409-438.
- Freitas, Maria João/Ana Lúcia Santos (2001), *Contar (histórias de) sílabas*, Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português. 7
- Frota, Sónia/Marina Vigário/ Fernando Martins (2006), FreP: An Electronic Tool for Extracting Frequency Information of Phonological Units from Portuguese Written Text. Acedido em 27/11/2006 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/Fre/publications.htm>
- Guimarães, Rui/ José Sarsfield Cabral (1997), *Estatística*, Mc Graw-Hill.
- Holmes, Janet (1995), *Women, Men and Language*, London, Longman.
- Jespersen, O. (1904), *Lehrbuch der Phonetik*, Leipzig, Berlin, Teubner.
- Labov, William (1990), "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change", *Language Variation and Change* 2, pp. 205-254.
- (1991), *Sociolinguistic Patterns*, 11ª edição, University of Pennsylvania Press, Philadelphia [1972].
- Lakoff, Robin (1973), "Language and woman's place", *Language in Society* 2, pp.45-80.
- Maclagan, Margaret/ Elizabeth Gordon/ Gillian Lewis (1999), "Women and sound change: Conservative and innovative behavior by the same speakers", *Language Variation and Change* 11, pp. 19–41.
- Mateus, Maria Helena Mira (1982), *Aspectos da Fonologia Portuguesa*, 2ªedição, Lisboa, Instituto nacional de Investigação Científica -Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, [1975].
- (1996), "Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas", in *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 123-142
- (2002), *A Face Exposta da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Mateus, Maria Helena Mira/ Ernesto d'Andrade (2000), *The Phonology of Portuguese*, 2ª edição, Oxford University Press, [1975].
- Mateus, Maria Helena Mira/Ana Maria Brito/ Inês Duarte/ Ana Brito/Sónia Frota/ Gabriela Matos/ Fátima Oliveira, Marina Vigário/ Alina Villalva (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª Edição (revista e aumentada), Coleção Universitária, Série Linguística, Lisboa, Caminho.

Milroy, Lesley (1999), “Women as innovators and norm-creators: The sociolinguistics of dialect leveling in a northern English city”, in WERTHEIM (eds) (1999), *Engendering Communication. Proceedings of the 5th Berkeley Women and Language Conference*, pp.361-376.

Milroy e Milroy (1997), “Varieties and Variation”, in Coulmas (ed.) (1997), *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell, pp. 47-64.

Nogueira, Rodrigo de Sá (1942), *O Problema da Síllaba*, Lisboa, Livraria Clássica.

Oliveira, Fernão (1536), *Gramática da linguagem portuguesa*, Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção, estudo introdutório por Eugenio Coseriu, Lisboa, Academia das Ciências.

Trudgill, Peter (1972), “Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich”, *Language in Society* 1, pp. 179-195.

-- (1974), *The Social Differentiation of English in Norwich*, Cambridge, Cambridge University Press.

-- (1983), *On dialect: social and geographical perspectives*, Oxford, Blackwell.

Viana, Gonçalves (1883), “Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte actuel de Lisbonne” *Romania*, tomo XII. Paris.

Viana/Trancoso/Silva/Marques/ d’Andrade/ Oliveira (1996), “Sobre a pronúncia de nomes próprios, siglas e acrónimos em Português Europeu”, *In Duarte/ Leiria (orgs.), Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. III, Lisboa, Colibri/APL, pp.481-517.

Vigário, Marina / Isabel Falé (1994), “A síllaba no português fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica”, in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL – Colibri, pp 465-478.

Vigário, Marina/ Fernando Martins / Sónia Frota (2005), “Frequências no Português: a ferramenta FreP”, in Duarte/ Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>

Vigário, Marina / Maria João Freitas/ Sónia Frota (2006) “A ferramenta FreP e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português”, in *Seleção de Comunicações apresentadas no XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>

Watt/ Docherty/ Foulkes (2003), “First accent acquisition: a study of phonetic variation in child-directed speech” in *Proceedings of the XVth International Congress of Phonetic Sciences*, Universitat Autonomá de Barcelona, pp.1959-1962.

Anexo A- Tipos Silábicos - Distribuição por Grupos de Falantes

	Falantes	Sílabas											Outros
		CV	V	CVC	CVN	CVG	CVGN	CCV	VC	VN	CVGC	VG	
Alfândega da Fé	AAF1	44,83%	12,27%	11,69%	6,54%	3,67%	7,75%	1,48%	4,08%	1,66%	0,94%	0,94%	4,16%
	AAM1	43,63%	15,31%	10,46%	4,08%	4,74%	6,64%	3,21%	3,32%	1,53%	1,96%	2,07%	3,05%
	AAF2	43,15%	16,90%	10,73%	5,52%	4,93%	4,42%	2,86%	3,07%	1,62%	1,38%	2,10%	3,31%
	AAM2	44,81%	14,18%	12,79%	5,09%	4,19%	5,73%	2,38%	4,03%	1,39%	1,19%	0,93%	3,29%
	AAF3	45,36%	14,79%	12,53%	5,62%	2,98%	4,81%	3,25%	3,02%	1,60%	1,07%	1,95%	3,02%
	AAM3	46,20%	16,70%	11,29%	5,01%	3,22%	5,81%	2,16%	3,18%	1,28%	0,88%	1,24%	3,03%
	AAF4	47,63%	12,92%	10,38%	5,54%	4,04%	5,31%	2,40%	3,66%	1,46%	1,03%	1,78%	3,85%
	AAM4	45,98%	15,80%	8,74%	6,32%	5,63%	3,46%	3,75%	2,22%	2,81%	1,68%	1,14%	2,47%
	ANF4	46,97%	19,14%	10,92%	5,48%	2,74%	4,81%	1,97%	2,38%	1,29%	0,83%	1,81%	1,66%
ANM4	49,42%	15,46%	7,76%	5,78%	3,97%	6,24%	2,28%	2,04%	2,10%	0,82%	1,52%	2,63%	
Carraceda de Ansiães	CAF1	42,48%	18,25%	10,42%	6,54%	4,01%	4,81%	3,27%	2,84%	1,60%	2,03%	1,17%	2,59%
	CAM1	41,87%	17,26%	11,84%	5,60%	3,79%	6,53%	3,09%	2,51%	2,04%	1,57%	1,69%	2,22%
	CAF2	43,10%	15,11%	10,40%	5,43%	3,04%	6,34%	2,38%	3,30%	1,72%	2,64%	2,18%	4,36%
	CAM2	43,16%	14,79%	12,82%	5,41%	2,64%	7,46%	3,44%	3,44%	1,70%	1,21%	1,30%	2,64%
	CAF3	44,98%	14,05%	10,47%	6,35%	4,07%	5,42%	4,00%	2,77%	2,09%	1,97%	0,86%	2,96%
	CAM3	47,67%	15,05%	10,93%	5,28%	3,20%	4,74%	2,70%	2,45%	2,12%	0,79%	2,04%	3,03%
	CAF4	45,48%	14,16%	12,25%	4,37%	3,46%	4,15%	3,24%	3,58%	2,37%	1,43%	1,79%	3,73%
	CAM4	47,94%	15,09%	10,92%	4,02%	3,54%	4,80%	3,08%	3,56%	1,67%	1,15%	1,98%	2,24%
	CNF4	48,33%	15,88%	7,69%	5,15%	4,22%	4,96%	2,85%	3,10%	1,92%	1,86%	2,11%	1,92%
CNM4	49,31%	15,09%	9,28%	4,86%	4,55%	5,18%	2,27%	2,65%	1,70%	1,01%	1,70%	2,40%	
Mirandela	IAF1	47,20%	12,50%	12,50%	5,72%	2,30%	5,72%	3,25%	4,32%	1,68%	1,18%	0,73%	2,91%
	IAM1	47,24%	14,41%	14,23%	5,96%	3,25%	3,56%	2,49%	2,49%	1,42%	1,42%	0,76%	2,76%
	IAF2	47,46%	14,17%	11,85%	6,57%	2,58%	4,89%	2,70%	3,22%	1,35%	0,90%	1,74%	2,58%
	IAM2	46,13%	12,89%	12,80%	6,56%	3,45%	4,72%	2,36%	2,97%	1,61%	1,65%	1,27%	3,59%
	IAF3	45,21%	15,87%	9,88%	6,80%	3,29%	5,73%	2,69%	3,34%	2,18%	0,77%	1,41%	2,82%
	IAM3	47,60%	13,74%	10,54%	7,45%	4,10%	3,62%	3,41%	2,72%	1,92%	1,49%	1,01%	2,40%
	IAF4	46,36%	15,51%	11,29%	5,18%	4,22%	4,37%	2,61%	2,82%	1,66%	1,06%	2,30%	2,61%
	IAM4	48,74%	14,19%	9,27%	5,66%	4,12%	4,68%	3,46%	2,34%	1,50%	1,26%	1,54%	3,23%
	INF4	49,08%	15,20%	8,34%	6,05%	4,02%	4,24%	2,77%	3,65%	1,33%	1,40%	2,03%	1,88%
INM4	47,15%	14,38%	9,44%	4,95%	4,92%	4,66%	3,57%	3,12%	1,37%	1,83%	1,57%	3,03%	
Macedo de Cavaleiros	MAF1	46,26%	14,97%	9,83%	5,32%	3,20%	4,78%	3,92%	2,71%	2,43%	2,07%	1,35%	3,16%
	MAM1	46,36%	13,79%	11,79%	5,96%	2,68%	5,70%	2,68%	3,58%	1,02%	1,53%	1,06%	3,83%
	MAF2	46,26%	15,64%	11,08%	5,78%	2,93%	5,11%	2,89%	2,56%	2,11%	1,00%	2,11%	2,52%
	MAM2	44,96%	13,44%	11,30%	5,38%	3,42%	6,05%	3,67%	4,46%	1,71%	1,16%	0,92%	3,54%
	MAF3	46,58%	14,28%	11,62%	5,63%	3,40%	4,42%	3,06%	3,15%	1,79%	1,11%	1,92%	3,03%
	MAM3	47,00%	14,15%	10,63%	6,23%	2,29%	3,99%	3,94%	3,34%	1,92%	1,47%	1,51%	3,53%
	MAF4	47,41%	14,95%	7,92%	5,37%	4,54%	3,64%	3,32%	3,51%	2,24%	1,73%	2,62%	2,75%
	MAM4	48,36%	14,54%	9,32%	4,20%	3,45%	5,33%	3,66%	3,24%	1,59%	1,59%	1,72%	3,00%
	MNF4	47,03%	15,56%	9,67%	4,10%	3,98%	5,97%	2,48%	2,88%	2,27%	1,75%	1,14%	3,17%
MNM4	46,42%	17,05%	8,70%	6,08%	3,06%	5,49%	2,42%	3,06%	1,93%	1,48%	1,68%	2,62%	
Vila Flor	VAF1	45,25%	15,56%	11,95%	5,01%	3,24%	5,14%	2,68%	3,36%	2,12%	1,21%	1,53%	2,96%
	VAM1	47,45%	13,12%	13,79%	4,74%	3,57%	4,08%	2,88%	3,21%	1,71%	1,30%	1,27%	2,88%
	VAF2	46,21%	15,72%	11,25%	4,47%	3,83%	5,63%	1,68%	3,27%	2,47%	1,12%	1,56%	2,79%
	VAM2	44,39%	16,06%	10,93%	5,28%	3,09%	5,33%	3,74%	2,56%	2,07%	2,03%	1,26%	3,25%
	VAF3	47,72%	12,66%	10,63%	3,99%	4,87%	5,70%	1,84%	4,18%	2,47%	1,33%	2,15%	2,47%
	VAM3	49,02%	11,97%	11,65%	5,69%	3,87%	4,23%	2,36%	3,07%	2,62%	0,85%	1,51%	3,16%
	VAF4	47,73%	15,45%	8,60%	5,69%	3,91%	5,20%	2,37%	3,21%	2,05%	1,38%	2,13%	2,27%
	VAM4	49,60%	14,83%	8,25%	4,92%	4,74%	4,62%	2,46%	2,03%	2,58%	0,68%	2,15%	3,14%
	VNF4	49,50%	14,50%	9,59%	4,68%	4,34%	5,17%	1,92%	2,84%	1,89%	1,35%	1,46%	2,76%
VNM4	45,73%	17,76%	8,23%	6,06%	3,16%	4,76%	4,21%	1,92%	1,61%	2,29%	2,04%	2,23%	
Total		46,47%	14,94%	10,62%	5,47%	3,69%	5,12%	2,87%	3,09%	1,85%	1,38%	1,60%	2,91%